Setembro/Outubro 2000 Nº 4 ANO I

entre linhas

Publicação do Conselho Regional de Psicologia CRP - 07

Notícias

Agenda

Resenha

FORA DOS CONSULTÓRIOS

A experiência do CEP-RUA

E a pesquisa na psicologia?

Reflexões sobre a importância e os rumos da pesquisa no Rio Grande do Sul

entrevista

Juracy Marques

depoimento

debate

editorial

A Pesquisa e a Psicologia

Temos uma questão aparentemente paradoxal no campo da Psicologia e a produção da pesquisa. Costumamos dizer que a singularidade do objeto em Psicologia é tão específica que todas as práticas que envolvem o exercício profissional do psicólogo já se caracterizariam *per se* em pesquisa, uma vez que, seja em suas práticas no social, em instituições ou em seu exercício privado, estão determinadas pelas contingências singulares dos sujeitos e/ou grupos humanos e, é claro, pela singularidade do profissional que realiza a intervenção. Entretanto, se tomarmos este argumento como verdadeiro, uma primeira constatação que se imporia seria a da discrepância entre o volume das práticas profissionais e as pesquisas efetivamente realizadas, o que implica a esfera pública da divulgação de resultados ou, pelo menos, da colocação à prova dos conceitos em discussões com os pares de nossa profissão. Mesmo no âmbito acadêmico, com exceção das grandes escolas da psicologia de nosso Estado, a produção da pesquisa ainda é incipiente, com poucos profissionais reconhecidos como pesquisadores pelas agências financiadoras. Embora a nova proposição de classificação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases) das próprias agências de formação se oriente pela presença ou não da pesquisa (o que caracteriza o *status* de Universidade é justamente o comprometimento com a pesquisa), isto parece não ter revertido em uma ampliação de estudos sistematizados no campo da produção do conhecimento dos psicólogos gaúchos. Como exemplo do que estamos tentando caracterizar, aqui mesmo no CRP-07 temos tido dificuldade de convocação para apresentação de trabalhos que representem o Estado em fóruns nacionais. Uma das hipóteses que pudemos formular a partir deste quadro remete, ainda mais uma vez, aos problemas referentes à formação.

E aí entra o outro aspecto, aparentemente paradoxal, das relações entre a Psicologia e a pesquisa: frente à multiplicidade do objeto em Psicologia, recortado pelas diferentes abordagens teóricas que nos orientam, temos um longo caminho a percorrer, quando saímos da formação acadêmica, para podermos preencher espaços vazios e dar conta do exercício profissional com um mínimo de competência nas práticas que nos autorizamos. Também não é estranho a isso o fato de estarmos em pleno momento de discussão, como categoria, de como vamos implementar a questão das especialidades em Psicologia e que temos noticiado neste nosso veículo.

Assim, pareceu-nos apropriado e oportuno dedicar esta quarta edição do ENTRELINHAS à reflexão da pesquisa em nossa profissão. Para isto, convidamos pesquisadores reconhecidos de nossa classe, que não por acaso trabalham com pesquisa nas três universidades de maior tradição em nosso Estado, para contribuírem com a discussão que, esperamos, possa mobilizar a categoria em efeitos de desdobramento, onde possamos, com mais propriedade do que temos feito, mostrar nossa cara... Ou nossa contribuição, no conjunto das produções do conhecimento sobre o humano, em sua riqueza e inesgotabilidade que o caracteriza, da qual somos testemunhas privilegiadas em nossa profissão. Boa leitura!!

Gestão Conexão



Visite nossa homepage

www.crp07.org.br

Gestão Conexão

• Adriane Souza da Silva Schein
• Ana Cristina Blaskoski Carissimi
• Andréa Giesen Lompa
• Aurinez Rospide Schmitz
• Bernadete Magalhães Trindade
• Célia Angelina Trevisi do Nascimento
• Janice Castilhos Gomes
• Maria Regina Krás Borges
• Patrícia Schroeber
• Rejane de Oliveira Pousada
• Siloé Rey
• Simone Poester Schmidt
• Vera Elisabeth Verissimo

Diretoria

Presidente:
• Andréa Giesen Lompa
Vice-presidente:
• Ana Cristina Blaskoski Carissimi
Secretária:
• Célia Angelina Trevisi do Nascimento
Tesoureira:
• Simone Poester Schmidt

Comissão de Comunicação

• Adriane Souza da Silva Schein • Andréa Giesen Lompa • Siloé Rey • Vera Elisabeth Verissimo • Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Conselho de Psicologia do Rio Grande do Sul / CRP-07

Sede
Av. Osvaldo Aranha, 1423 – sala 102
90035.191 – Porto Alegre/RS
Telefone/Fax: (51) 335.1838 330.3458
E-mail: crp07@portoweb.com.br
Site: www.crp07.org.br

Seção da Serra
Rua Sinimbú, 2091/416
95.020-004 – Caxias do Sul/RS –
Telefone (54) 223.4529
Representante: Patrícia Schroeber

Seção Sul
Rua Félix da Cunha, 772/304
96.010-000 – Pelotas/RS –
Telefone (532) 27.4197
Representante: Giovani Cantarelli

• Os artigos publicados com assinatura são de inteira responsabilidade do autor e não traduzem, necessariamente, a opinião do Conselho Regional de Psicologia.

• Cartas, artigos e outras manifestações devem ser encaminhadas à Comissão de Comunicação. Os artigos devem ter, no máximo, 35 linhas. Por questão de espaço, as cartas podem ser resumidas.

entre Linhas

Edição e textos: Mônica Kanitz (MTb 8103)
Projeto gráfico e editoração: Cló Barcellos
Impressão: Pallotti
Tiragem: 8 mil exemplares
Peridiocidade: bimestral
Distribuição gratuita

Fora dos consultórios

Pesquisa pela VIDA

Um grupo de pesquisadores da faculdade de Psicologia da Ufrgs trocou, literalmente, os bancos acadêmicos pelas ruas para tentar melhor a vida das crianças que vivem em condições que todos traduzem como subumanas: dormindo sob viadutos, se protegendo com pedaços de papelão, utilizando drogas, vagando pelos parques sem ter qualquer referência de lar, protagonizando cenas de violência... Batizado com o sugestivo nome de CEP-RUA (Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua), o projeto começou a tomar corpo em 1993, por iniciativa de três professores (Silvia Koller, Cláudio Hutz e Denise Bandeira) e uma psicóloga (Letícia Forster). Inquietos com a relação entre condições de vida e o desenvolvimento psicológico destas crianças, o grupo entendeu que pesquisas sobre elas poderiam contribuir para melhorar seu cotidiano e acrescentar mais referências aos estudos sobre o desenvolvimento da criança no Brasil. Não demorou muito para que estudantes de Psicologia se agregassem ao projeto, que hoje envolve 50 pessoas, entre professores e alunos de pós-graduação, além de graduandos e voluntários.

O trabalho com as crianças desenvolvido pelo CEP-RUA tem objetivos bem definidos, abrangendo as áreas de pesquisa, extensão e ensino. Baseado em teorias da Psicologia do Desenvolvimento (entre as quais a abordagem ecológica do judeu russo Bronfrenbrenner, que leva em conta a história de vida e as inreções no ambiente em que a criança se desenvolve), o projeto vem contribuindo substancialmente com dados e bibliografia sobre o tema para instituições de todo o País. E os resultados das pesquisas normalmente são apresentados e debatidos em atividades de extensão, abertas aos interessados. Além disso, o CEP-RUA presta assessoria às instituições que atendem as crianças que estão em situação de rua, e prepara estudantes de Psicologia para atuar com este público. "Mas, encerrada a pesquisa ou o atendimento, sempre pensamos de qual maneira contribuímos para melhorar a qualidade de vida daquelas pessoas", salienta a professora Sílvia Koller, coordenadora do CEP-RUA.

Segundo ela, as pesquisas não são fáceis. "Às vezes, leva-se até seis meses para ganhar a confiança destes meninos e participar de seu contexto", explica, lembrando que a maioria das crianças que estão em situação de rua também estão em situação de risco. "Estão mais propensas a conviver com a violência, drogas, abusos sexuais. E é por isso que se torna importante uma aproximação da equipe do CEP-RUA com a família. Muitas vezes, a criança opta pela rua porque a situação em casa é insuportável e ela não enxerga outro caminho a não ser abandonar a família e tentar melhorar por conta própria", explica Sílvia. "Fazemos o caminho de volta às casas, para aprender mais sobre a situação de vida de todos eles, e quem sabe evitar a migração para a rua." Sempre que possível, as equipes do CEP-RUA encaminham crianças e até seus familiares para instituições que possam ajudá-las, desde as delegacias e conselhos tutelares até hospitais e postos médicos. "Nossa preocupação enquanto pesquisadores é com os aspectos saudáveis do desenvolvimento destas crianças. Existe um estereótipo de que todas as crianças de rua são amorais, sujas, drogadas, representando o lixo da sociedade, mas não é bem assim. Elas também são criativas, inteligentes e só querem uma oportunidade para executar seus projetos de vida. A Psicologia costuma ter o ranço de só trabalhar com patologias e doenças, esquecendo do quão importante é trabalhar com a saúde", acrescenta. Outra preocupação que acompanha os integrantes do CEP-RUA é a ética que envolve pesquisas deste tipo, na qual o "objeto" é um ser humano. "É um sujeito que precisa ser respeitado, que merece cuidados porque, provavelmente, nunca encontrou alguém que o escutasse. Esta preocupação com a devolução é importante, para que a criança ou a sua família não se sintam ainda mais abandonadas", avalia a psicóloga.



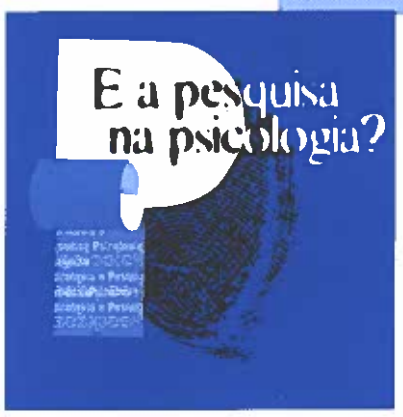
Desdobramentos do CEP-RUA

Nestes poucos anos de existência, o CEP-RUA supriu e vem atendendo demandas sociais urgentes, que se refletem nos muitos trabalhos de mestrado e doutorado defendidos pelos alunos que trabalham no projeto e nas práticas adotadas em instituições como a Febem, escolas e centros sociais da periferia. A necessidade de atender assuntos mais específicos fez com que surgissem, dentro do CEP-RUA, núcleos especiais: o Programa de Intervenção em Sexualidade, Aids e Drogas (PISAD), o Núcleo de Capacitação em Desenvolvimento Humano (NECADEH) e o Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Comunitário e Cidadania (NEDECC). Aos poucos, a iniciativa vai deixando frutos pelo interior do Estado, com grupos de trabalho em cidades como Caxias do Sul, Passo Fundo, Rio Grande e Santa Maria, e em outros estados, incluindo Paraná, Minas Gerais, São Paulo e Bahia. A agenda de atividades científicas e comunitárias também está cheia. "O trabalho do CEP-RUA tem uma boa repercussão na comunidade e nos meios científicos. Já recebemos muitos prêmios e convites para participar de congressos, inclusive internacionais. Solicitações para trabalhos na comunidade chegam diariamente. Também estamos publicando cerca de cinco artigos em revistas especializadas por ano, isso sem contar os capítulos de livros e outros tipos de material editorial", ressalta Sílvia. Satisfeita com os desdobramentos do projeto que vem coordenando desde sua fundação, a psicóloga acredita que o sucesso do CEP-RUA se deve ao fato de contar com pessoas assertivas. "Eu sempre acredito no que faço e procuro me cercar de pessoas com este mesmo espírito. E acho fundamental que todos tenham uma característica: a capacidade de se surpreender. Afinal, trabalhamos com pessoas em condições de vida especial, destaca a psicóloga.

O CEP-RUA funciona no Instituto de Psicologia da Ufrgs, na avenida Ramiro Barcellos, 2600/104, em Porto Alegre. Os telefones para contato são (51) 316.5150 ou 330.9507. E-mail: CEP_RUA@vortex.ufrgs.br

Atualmente, a equipe do projeto é formada pelos psicólogos Letícia Forster, Silvia Koller, Cláudio Hutz, Denise Bandeira, Lisia Mayer, Carolina Lisboa, Alessandra Cecconello, Clarissa de Antoni, Raquel Cardoso Brito, Paola Biasoli Alves e Gabriela Azevedo.

Detalhes da construção do conhecimento



O cenário não é lá muito animador: faltam investimentos, publicações, estrutura em vários Estados. Mas apostar as fichas na pesquisa em Psicologia pode valer à pena. Primeiro, porque este é um universo praticamente inexplorado, com áreas imensas esperando por estudiosos desbravadores. E, segundo, porque acena com a possibilidade de trabalho, de emprego instantâneo e, além disso, pagando bem.

Profissionais que se dediquem aos cursos de Mestrado e Doutorado e, conseqüentemente, à pesquisa, são "artigos de luxo" no Brasil. "Existem 110, 115 mil psicólogos no país e, destes, talvez 500 sejam doutores produtivos, que trabalham em pesquisa", revela o professor Cláudio Hutz, presidente da Anppep (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia) e coordenador dos cursos de pós-graduação em Psicologia da UFRGS.

"São números muito pequenos", continua Hutz, visivelmente preocupado com a situação. Segundo ele, há em torno de 140 cursos de graduação em Psicologia no Brasil, freqüentados por 60 mil estudantes. E existem apenas 33 cursos de pós-graduação (mestrados e doutorados). "Realmente, é muito pouco. Deste jeito, não será possível atender a exigência da Lei de Diretrizes e Bases com relação a mestres e doutores nos cursos de Psicologia (a lei obriga que todos os professores de graduação tenham mestrado). O prazo ainda é de dois anos, mas, pelo ritmo atual, vamos precisar de 20 a 30 anos para cumpri-lo", alerta. Como se vê, é um quadro precário pela falta de recursos humanos. "E o interessante é que não falta trabalho para doutores. É a única área da Psicologia com emprego instantâneo e pagando bem", ressalta Hutz.

Em termos de pesquisa, o Rio Grande do Sul vai bem. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul mantém mestrados e doutorados em Psicologia do Desenvolvimento e Social, enquanto a PUC oferece cursos na área Social e Clínica. " O Rio Grande do Sul é um pólo importante. Na última avaliação da Capes, que dá notas de 1 a 7 para os cursos, três tiraram 6. O nosso foi um deles, junto com Pernambuco e Ribeirão Preto", conta.

Ambiente acadêmico

A pesquisa em Psicologia passa, necessariamente, pelos cursos de pós-graduação. "A pesquisa sistemática, que visa a produção de um conhecimento novo e aplicável a nossa realidade, requer equipes, formação especializada, recursos, organização. Não pode ser feita por um psicólogo sozinho e sem orientação", destaca. E as principais universidades do país os mantêm, principalmente nas áreas de Psicologia do Desenvolvimento, Clínica e Experimental. "Falta, por exemplo, mais pesquisa na área da avaliação psicológica, que ainda não tem nenhum programa específico. Há poucos testes adequados, muitos usam e não tem a menor idéia da sua validade. É preciso trabalhar este instrumental e não há gente especializada para isto, porque precisa saber matemática, estatística e muita psicologia", destaca Hutz. Outra área para a qual ele chama a atenção é a da Psicologia Comunitária, na qual existem boas pesquisas, mas falta organização. "De um modo geral, há carência de produção em relação às necessidades do país. Temos aqui situações muito atípicas, para as quais não podem ser aplicados conhecimentos importados. Tudo precisa ser contextualizado e isso se faz muito lentamente", complementa.

Na maioria dos casos, a pesquisa começa já no curso de graduação. Na Ufrgs, por exemplo, praticamente todos os alunos são bolsistas de alguma pesquisa de iniciação científica e vários estão envolvidos em projetos de pesquisa de mestrandos e doutorandos. Depois, muitos seguem o seu próprio caminho. "Mas a pesquisa em Psicologia não pode ser encarada como uma área em contraposição às outras. Não importa o que a pessoa queira ser, clínico ou psicanalista, a formação é básica, depois deveria se especializar", acredita Hutz. O professor também deixa bem claro que a opção pela vida acadêmica exige exclusividade. "É uma opção que a pessoa faz. Pode cursar seu mestrado e doutorado em cinco anos de uma certa dureza, mas tem emprego garantido quando termina. É um investimento e não é pra todo mundo, afinal, tem gente que tem o dom do consultório", acrescenta.

Agentes mantenedores

Depois que o profissional opta pela vida acadêmica, começa a conviver com entidades como Fapergs, Capes e CNPq, todas financiadoras ou mantenedoras de pesquisas. "Infelizmente não temos uma Fapesp, que financia praticamente todos os projetos de São Paulo. Aqui temos a Fapergs, que nos últimos anos vem gerando bons financiamentos, mas nada muito regular. A Capes e o CNPq não liberam dinheiro, só bolsas, que, felizmente, temos para todos os alunos", destaca Hutz. A falta de verbas, porém, reflete uma dificuldade que já se tornou nacional em relação às universidades públicas: a manutenção de bibliotecas, nas quais faltam os novos livros e revistas especializadas. Outro problema é a publicação de textos. Afinal, como ressalta Hutz, uma pesquisa só termina com sua publicação, com sua divulgação para a categoria. "Temos 200 títulos de revistas circulando nos últimos anos, mas nem todas são de boa qualidades (só quatro títulos estão na categoria Nacional A) e muito poucas mantêm uma peridiocidade, o que é um transtorno para quem precisa publicar", explica Hutz, chamando a atenção para um outro fato dos mais relevantes: a falta de financiamento se deve ao fato dos psicólogos não lerem as revistas, que têm um número de assinantes mínimos, na faixa dos mil leitores, a maioria estudantes de mestrado e doutorado. "Esta é uma questão que também nos preocupa muito. Psicólogos e alunos não lêem fontes primárias e, enquanto não se derem conta de que ali tem um conhecimento atualizados, novo, adequado ao país, as revistas não terão condições de sobreviver", alerta.

Preocupado com a falta de qualificação e de empregos que atinge a categoria (muito por causa da proliferação desenfreada de cursos que se deu nos últimos anos), Hutz acredita que a pesquisa também poderia ser uma maneira de reciclar psicólogos e instrumentalizá-los com o que os cursos de graduação não deram. " A pesquisa não pode ser vista fora de um contexto maior de formação profissional, a pesquisa faz parte do cotidiano. Para alguém trabalhar direito precisa conhecer o que está sendo produzido, ser crítico em relação à realidade, se manter atualizado, entender o processo de construção do conhecimento. Na verdade, precisaríamos de uma revolução na formação profissional", acrescenta.

A ética na pesquisa em Psicologia

Os psicólogos pesquisadores, algumas vezes, se deparam com situações atípicas e diferentes envolvendo seu objeto de estudo – os seres humanos. São casos que exigem uma determinada ética, uma preocupação com a autonomia e a privacidade dos indivíduos que estão sendo pesquisados. Assim, "considerando a diversidade da Psicologia e a necessidade de se levar em consideração os pressupostos teóricos e metodológicos dos seus vários campos de atuação e aplicação e, conseqüentemente, as diferentes formas que a pesquisa pode assumir, incluindo aí, entre outras, a pesquisa de laboratório, a pesquisa de campo e a pesquisa de ação", o Conselho Federal de Psicologia elaborou a seguinte Resolução, que está sendo avaliada pelos Conselhos Regionais e, depois de aprovada, vai nortear o trabalho dos psicólogos pesquisadores brasileiros. A minuta foi construída a partir de uma proposta elaborada pelo o Fórum de Entidades representativas da Psicologia.

A minuta da Resolução

(texto parcial, ainda sem aprovação definitiva)

Art. 1º - Toda pesquisa em Psicologia com seres humanos deverá estar submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa credenciado pelo Conselho Nacional de Saúde, como determina a resolução 196 do CNS.

DO PROTOCOLO:

Art. 2º - O protocolo, a que se refere o artigo 1º, deverá contemplar:

a) O delineamento;

b) a justificativa, cabe ao pesquisador a responsabilidade de justificar a relevância científica do projeto;

c) os procedimentos adotados;

d) os critérios de seleção dos sujeitos da pesquisa;

e) o local onde será realizada a pesquisa;

f) o material a ser utilizado;

g) os resultados que se espera alcançar;

h) a duração da pesquisa;

i) o cronograma de execução;

j) a descrição dos benefícios esperados para os participantes e para a sociedade;

k) a descrição dos possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação na pesquisa;

l) a descrição dos procedimentos para monitorar as ocorrências adversas;

m) a descrição dos procedimentos para assegurar o sigilo;

n) a descrição dos procedimentos para assegurar assistência aos sujeitos da pesquisa;

o) a descrição dos procedimentos para garantir o retorno dos benefícios obtidos pela pesquisa aos sujeitos nela incluídos;

p) a descrição dos procedimentos para assegurar a indenização por danos eventuais aos sujeitos da pesquisa;

q) a descrição dos procedimentos para assegurar o ressarcimento de despesas decorrentes da participação na pesquisa;

r) a descrição dos procedimentos para assegurar o consentimento livre e esclarecido dos indivíduos a serem pesquisados, assegurando sua capacidade legal, cognitiva e emocional para compreender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa;

s) a descrição dos procedimentos para assegurar o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis legais, no caso de pesquisa envolvendo crianças e adolescentes, assegurando sua capacidade legal, cognitiva e emocional para compreender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa;

t) a descrição dos procedimentos para assegurar o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis legais, no caso de pesquisa envolvendo indivíduos incapazes de responder por si mesmos, assegurando sua capacidade legal, cognitiva e emocional para compreender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa;

u) a descrição dos procedimentos para assegurar o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis legais, no caso de pesquisa envolvendo indivíduos incapazes de responder por si mesmos, assegurando sua capacidade legal, cognitiva e emocional para compreender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa;

v) a descrição dos procedimentos para assegurar o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis legais, no caso de pesquisa envolvendo indivíduos incapazes de responder por si mesmos, assegurando sua capacidade legal, cognitiva e emocional para compreender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa;

w) a descrição dos procedimentos para assegurar o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis legais, no caso de pesquisa envolvendo indivíduos incapazes de responder por si mesmos, assegurando sua capacidade legal, cognitiva e emocional para compreender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa;

x) a descrição dos procedimentos para assegurar o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis legais, no caso de pesquisa envolvendo indivíduos incapazes de responder por si mesmos, assegurando sua capacidade legal, cognitiva e emocional para compreender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa;

y) a descrição dos procedimentos para assegurar o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis legais, no caso de pesquisa envolvendo indivíduos incapazes de responder por si mesmos, assegurando sua capacidade legal, cognitiva e emocional para compreender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa;

z) a descrição dos procedimentos para assegurar o consentimento livre e esclarecido dos responsáveis legais, no caso de pesquisa envolvendo indivíduos incapazes de responder por si mesmos, assegurando sua capacidade legal, cognitiva e emocional para compreender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa;

DO RISCO DA PESQUISA:

Art. 3º - É obrigação do pesquisador pela pesquisa avaliar os riscos envolvidos em seu projeto, tanto pela divulgação dos resultados, como o objetivo de proteger os participantes e os grupos ou comunidades aos quais eles pertencem.

Parágrafo 1º - Pesquisa de risco mínimo - São aquelas cujos procedimentos não sujeitam os participantes a riscos maiores do que os encontrados nas suas atividades cotidianas a riscos maiores.

Parágrafo 2º - A avaliação ou risco na pesquisa com grupos vulneráveis ou em situação de risco (por exemplo, crianças e adolescentes em situação de rua, moradores de rua, habitantes de favelas e regiões periféricas das cidades, entre outros), deve ser feita somente por pesquisadores e profissionais que conhecem bem a realidade dos participantes e têm experiência de pesquisa e trabalho com esse grupo.

Parágrafo 3º - Algo mais a ser feito para minimizar a pesquisa que envolve crianças e adolescentes, que não se aplicam aos adultos, como a presença de responsáveis durante a coleta de dados e informações sobre outros que possam ter sido traumáticos, que envolva uma mudança de conduta daquele que os estuda, entre outros).

Parágrafo 4º - Nos casos em que trata o parágrafo 3º deste artigo, o pesquisador deve incorporar procedimentos que permitam avaliar, ao término da participação de cada indivíduo, se nenhum dano foi causado.

Parágrafo 5º - O pesquisador deve garantir que os participantes não serão expostos a riscos maiores do que os existentes em suas atividades cotidianas.

Art. 5º - Os psicólogos pesquisadores devem assegurar o consentimento livre e esclarecido dos indivíduos a serem pesquisados como garantia de efetiva proteção dos participantes, devendo ser obedecidos os seguintes critérios:

a) que os indivíduos, assegurada sua capacidade legal, cognitiva e emocional para entender os objetivos e possíveis conseqüências da pesquisa, devem decidir se desejam ou não participar;

b) que os pais ou guardiães, quando a pesquisa envolve crianças e adolescentes, deverão dar seu consentimento;

c) as crianças e adolescentes, mesmo já se tendo consentimento dos pais ou responsáveis, devem também ser informados, em linguagem apropriada, sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e devem concordar em participar voluntariamente;

d) aplica-se o princípio dos itens "b" e "c" deste artigo aos indivíduos que, por qualquer razão, não tenham plena capacidade legal, cognitiva ou emocional;

Art. 6º - O psicólogo pesquisador poderá estar desobrigado do consentimento informado nas situações em que:

a) envolvam-se atividades em organizações ou instituições públicas;

b) pais que não têm contato com os filhos ou guardiães legais que efetivamente não interagem sistematicamente nem coabitam com a criança ou adolescente;

c) os guardiães legais não possam ser localizados, ou estejam ausentes, ou, por qualquer razão ou motivo, ainda que temporariamente, não estejam no exercício de seu poder familiar ou de sua responsabilidade legal, cognitiva ou emocional e os pais ou guardiães não estejam qualificados;

b) pais que não têm contato com os filhos ou guardiães legais que efetivamente não interagem sistematicamente nem coabitam com a criança ou adolescente;

c) os guardiães legais não possam ser localizados, ou estejam ausentes, ou, por qualquer razão ou motivo, ainda que temporariamente, não estejam no exercício de seu poder familiar ou de sua responsabilidade legal, cognitiva ou emocional e os pais ou guardiães não estejam qualificados;

d) os resultados podem beneficiar diretamente os participantes ou seus grupos ou comunidade;

d) a equipe tem experiência e treinamento adequado para conduzir o tipo de investigação proposta com os indivíduos-alvo;

e) fazer avaliação inicial de risco e detalhar no seu projeto as providências e medidas que serão tomadas para minimizar e remediar danos.

Parágrafo único – O Comitê de Ética, ao avaliar o projeto, deverá solicitar pareceres de pesquisadores experientes na área caso não os tenha entre seus membros.

DA CONFIABILIDADE, SIGILO E USO DE INFORMAÇÕES:

Art. 9º - Todos os membros da equipe de pesquisa estão obrigados ao sigilo e confidencialidade das informações.

Parágrafo 1º - O uso de dados e informações para quaisquer finalidade que não tenham sido informadas aos participantes somente poderá ser feitas após consulta à Comissão de Ética, exceto nos casos previstos no artigo 5º desta resolução.

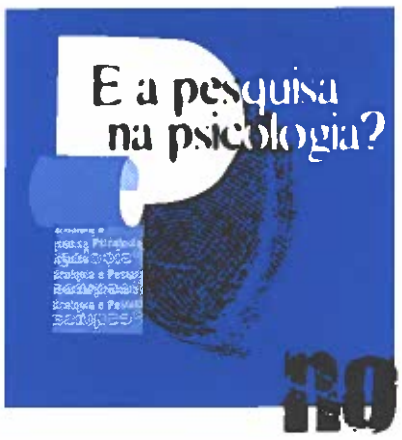
Parágrafo 2º - A quebra do pesquisador [illegible] dados poderá ser comunicada [illegible] procedimentos previstos [illegible] Comissão de Ética, exceto nos casos previstos no artigo 5º desta resolução.

Parágrafo 3º - As ações a serem tomadas, descritas no projeto, devem ser compatíveis com a gravidade da situação e apropriadas, fazendo uso dos recursos comunitários e legais disponíveis, visando sempre minimizar danos, proteger e não causar [illegible].

[illegible]

[illegible]

[illegible]



debate

Dr. Milton J. P. Madeira
Psicólogo e Professor Titular/UNISINOS

A PESQUISA EM PSICOLOGIA no mundo contemporâneo

Histórico

Em nossa cultura moderna ocidental, estabeleceu-se o primado da razão científica em todos os ramos do saber e em todos os saberes emergentes, e isto já desde o fim da Renascença com o indutivismo de Bacon (fim do séc. XVI) e o dedutivismo de Descartes (início do séc. XVII), assim como o surgimento do Cogito Cartesiano e a quase concomitante obra monumental de Galileu (séc. XVII).

É de se constatar historicamente que todos os ramos do saber, um a um, foram se constituindo sobre os pilares do cartesianismo, consolidando a razão científica. Assim temos a mecânica clássica de Galileu (fins do séc. XVI) e depois Newton (início do séc. XVII), a Astronomia de Copérnico e depois Galileu e Giordano Bruno (sécs. XVI e XVII), a Química de Lavoisier (séc. XVIII), a Medicina de Harvey (séc. XVIII), a Biologia de Darwin, Mendel e Pasteur (séc. XIX), a Psicofísica de Weber, Fechner e depois Stevens (séc. XIX), o Socialismo Científico de Marx (séc. XIX), a Psicologia Experimental de Wundt (séc. XIX), a Psicanálise de Freud (fim do séc. XIX), a Linguística de Saussure (início do séc. XX), as Ciências Cognitivas (segunda metade do séc. XX) e muitos outros saberes que se tornaram científicos e colocaram como pilar mestre o Método Científico de Bacon, Descartes e Galileu, dentro do mais puro espírito cartesiano.

É nesta perspectiva e com este espírito que, segundo o Filósofo da Ciência Canguillem (1973), a Psicologia e a Psicanálise se fundam, tentando se legitimar, através de suas pesquisas, de seus achados científicos e de sua pratica profissional sistemática, como ciências autônomas face primeiramente à Filosofia e, posteriormente, face concomitantemente tanto à NeuroFisiologia quanto à Sociologia, a Antropologia e a Pedagogia. É deste modo, com este espírito cartesiano portanto, que as pesquisas de Wundt e seus discípulos se fundam no final do século XIX, que a Psicanálise vê a luz criando uma lógica da inconsciência – dentro, porém, do maior rigor metodológico típico da Neurofisiologia por exemplo em suas investigações sistemáticas quanto em suas intervenções, - que a Psicometria de Binet já desde o início do século XX se fundamenta, assim como por exemplo o Psicodiagnóstico de Rorschach tenta se fundamentar através de estudos científicos rigorosos que se sistematiza criando normas e padrões internacionais de avaliação científica, assim como ainda a grande maioria das técnicas psicoterapêuticas modernas, as quais se ancoram nos conceitos de objetividade, neutralidade e eficácia científicas.

Desenvolvimento

É de se notar a expansão – ao longo do século XX – do caráter científico das pesquisas em Psicologia nas suas mais diversas tendências, tais como na Gestalt de Wertheimer, Koehler e Kofka no início do século, no Estruturalismo Genético de Piaget nos anos '30 e no construtivismo moderno dele derivado com suas práticas de observações acuradas, e, em especial no manifesto behaviorista de Watson (1913/14) que fundamenta toda a Psicologia Experimental comportamentalista ao longo do século, e na Psicologia Cognitiva que é considerada um avanço paradigmático – a partir da década de 50 - do experimentalismo a qual tem ido inclusive mais a fundo no uso do paradigma metodológico cartesiano, o qual é aplicado, por sua vez aos processos psíquicos superiores e complexos da mente humana (vide Madeira, 1987 e 1990) onde se propõe a construção de modelos axiomáticos de caráter matemático e preditivo, testados tanto em pesquisas de campo quanto em pesquisas de laboratório, pura e aplicada.

A proposta, por exemplo, dos últimos 30 anos de construção de modelos preditivos da representação mental em Psicologia Cognitiva - axiomatizados e explicadores do comportamento humano - é compartilhada com diversas outras áreas das Ciências contemporâneas, mais proximamente com as Ciências Cognitivas ou as Ciências do Artificial assim como com as Ciências da Informação e, inclusive, com a Psicofísica computacional e a Neuropsicologia Cognitiva, as quais possuem em comum, por seu turno, os paradigmas gerais das ciências exatas, dentre os quais os mais significativos são a explicação, a predição dos fenômenos e a replicabilidade dos experimentos controlados, dentro do mais puro espírito cartesiano e galilaico.

No que tange ao Método usado hodiernamente, tanto as Ciências Cognitivas quanto as Neurociências em particular, e diversas outras áreas da Psicologia Cognitiva ou a ela correlatas, usam o Método Galilaico dos Modelos Axiomatizados (que se pressupõem matematizados) e/ou o Método da Simulação Computacional de estratégias e disfunções e, ainda, o Método de Ativação ou Reativação Neuronal para verificar seus efeitos sobre as estratégias e as disfunções psíquicas.

Conclusão

Ressalte-se enfim que a força do saber acumulado pela inúmeras pesquisas em Psicologia de modo geral e em Psicologia Cognitiva de modo particular mais atualmente, mostra-se em plena expansão atualmente, tornando-se esta pouco a pouco como um paradigma teórico/metodológico poderoso, alternativo à Psicanálise – a níveis explicativo e preditivo - para o entendimento do psiquismo humano e/ou – enquanto corolário prático – como técnica a nível de proposta eficaz de intervenção na realidade humana.

Na verdade, e para finalizar, acredita-se que a Psicologia tomada em seu conjunto está se tornando uma colaboradora cada vez mais multidisciplinar e eficaz não somente a nível do avanço dos conhecimentos científicos gerais de nossa época - através tanto das pesquisas interdisciplinares comuns quanto do uso dos seus métodos os mais avançados - como também no entendimento teórico dos processos da vida mental e no avanço das técnicas de intervenção prática na clínica psicológica e na psicopatologia, em colaboração com as demais ciências humanas e sociais e da saúde.

BIBLIOGRAFIA

MADEIRA, Milton J. P. (1987). Perspectivas em Psicologia Cognitiva contemporânea: os conceitos mentais. **Psicologia: Reflexão e Crítica** (UFRGS), 2 (1/2): 37-46

MADEIRA, Milton J. P. (1989). Texto Introdutório à Discussão sobre o Objeto de Estudo do Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade, **PSICO** (PUCRS), 17 (1), 7 - 14.

MADEIRA, Milton J. P. (1990). Psicologia das cognições versus Psicologia Cognitiva. **Boletim da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul**, 59, 4-5

MADEIRA, Milton. J. P.; BINS, J. C. & Al. (1995). As Ciências Cognitivas. **VERITAS** (PUCRS), Vol. 40, nº 58, 233-234.

MADEIRA, Milton. Psicologia das Cognições versus Psicologia Cognitiva. (conferência). **Temas em Psicologia** (Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia), São Paulo/SP (no prelo, 1998).

A arquitetura dos PENSAMENTOS INQUIETOS

"Cuidado: de tanto brincar de fantasma, nos tornamos um."
Roger Caillois



Edson Luiz André de Sousa
Psicanalista. Analista membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Professor do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da UFRGS, professor do Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS

Roger Caillois tem toda razão em insistir na tese de que o semelhante produz o semelhante. Facilmente identificamos uma tendência da subjetividade de encontrar um ponto de equilíbrio com o mundo, mesmo que para isto tenhamos que abrir mão daquilo que nos é mais singular. Esta é a forma de proteção clássica que encontramos na mímesis animal, pois equilibrar-se com o meio acaba sendo um recurso vital de sobrevivência. E como nós, sujeitos de palavras e pensamentos, damos conta desses impasses? Produzimos também um movimento de um quase desaparecimento no outro. Se, por um lado, essa estratégia traz o conforto de uma garantia pelo apagamento do singular, por outro revela o tédio de um destino que jamais duvida do senso comum. O que é, portanto, duvidar? O que significa pôr em questão uma evidência?



Esse é, sem dúvida, o ponto de partida de qualquer pesquisa que venha efetivamente provocar uma mudança de posição em relação ao mundo, seja ela em que âmbito for: da decifração do código genético à curiosidade de saber sobre o sentido de um determinado ato na vida. Sabemos que as respostas nem sempre estão a altura de nossas indagações, o que nos indica que levar a bom porto uma investigação exige muito mais do que termos nas mãos a boa questão. É surpreendente a afirmação de Caillois ao apontar o lado resistencial na produção de muitos conhecimentos: "o conhecimento, sabe-se, tende à supressão de todas as distinções, à redução de todas as oposições, de maneira que seu objetivo parece ser o de propor à sensibilidade a solução ideal do seu conflito com o mundo exterior". [1] Podemos deduzir daí que a função nobre de uma pesquisa, além dos novos conhecimentos que pode nos trazer, é também apontar a necessária posição crítica que devemos manter com o saber produzido para que este não nos cegue com seu dogmatismo.

A psicanálise tem contribuído muito no diálogo com a psicologia ao apontar um horizonte metodológico e ético nas práticas de pesquisa. Isto não significa dizer que ela esteja livre dos impasses que consegue identificar na produção do saber. Os novos campos de pesquisa que têm se aberto no Brasil apontam para a potencialidade desta disciplina, que, desde sua fundação, foi marcada pela indissociabilidade entre o sujeito e o social. Pensar o laço social em nosso país, os impasses subjetivos da experiência coletiva, a degradação de alguns ideais compartilhados, a função da imagem na produção do valor, os labirintos da história que nos constitui e tantas outras urgências é uma necessidade que se impõe. O âmbito e o desafio deste trabalho convoca a todos a uma interlocução estreita com outros campos do saber. [2]

É neste ponto preciso que a intersecção feita entre a pesquisa em psicanálise e o campo da produção artística interessa-me particularmente. O ato criativo implica na produção de uma nova posição discursiva, de uma desestabilização do saber. Por isto, todo ato criativo é indício de ruptura, descontinuidade, afirmação de uma diferença que se faz promissora. Os objetos que adquirem o estatuto de arte pela legitimação da história são justamente as produções que cumprem uma função crítica e interpretativa do seu tempo, resistindo a serem devoradas e assimiladas completamente por um sistema explicativo qualquer. Como lembra Paul Valery, "a obra do espírito só existe como ato. Fora desse ato, o que permanece é apenas um objeto que não oferece qualquer relação particular com o espírito." [3]

Recentemente no Torreão, em Porto Alegre, a artista plástica Gláucis de Moraes apresentou um trabalho chamado *Concreto*, no qual constrói pacientemente uma torre de cartas sobrepostas. [4] Durante o período da exposição, a artista ficava montando sua arquitetura de pensamentos tendo tido muitas vezes que recomeçar o trabalho. Sua obra mostra que o foco é o ato e o processo de execução. O visitante que se depara com a torre de cartas sente a responsabilidade de sua presença no espaço e, entre muitas perguntas que poderiam advir desta experiência, salientaria apenas uma: "Qual o ponto limite do equilíbrio de uma estrutura?". Não seria este o risco que todo artista tem que suportar quando reinventa o mundo com seus atos? Não é este o verdadeiro desafio de uma pesquisa?

[1] CAILLOIS, Roger. "Mimetismo e psicastenia legendária" in: "Le mythe et l'homme", Paris, Gallimard, 1938

[2] Como exemplo deste estilo de pesquisa remeto o leitor ao livro que organizei "Psicanálise e Colonização: leitura do sintoma social no Brasil", Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1998, e que reúne ensaios de muitos pesquisadores sobre o Brasil contemporâneo visto a partir da história colonial.

[3] VALERY, Paul. "Primeira aula do curso de poiética" in: Variedades, São Paulo, Iluminuras, 1999

[4] Espaço de arte contemporânea em Porto Alegre. A exposição "Concreto" de Glaucis de Moraes aconteceu de 19/8 a 10/9/2000.

depoimento

Juracy Marques

entre Linhas

A professora Juracy Marques é uma das pioneiras quando o assunto é pesquisa. Com quatro décadas de muita experiência, ela já deixou para os gaúchos um legado inestimável, seja dirigindo cursos de pós-graduação ou pesquisando em Psicologia e Educação. Atualmente, ela coordena um grupo de pesquisas na PUC-RS, que estuda Processos de Grupo e Relações Interpessoais. Nas linhas que seguem, ela fala de sua trajetória e contribui com sua opiniões sobre a importância da pesquisa para a construção do conhecimento.

Quando e aonde a senhora começou a trabalhar com pesquisa?

Na década de 60 eu tinha um serviço de orientação psicopedagógica na faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. Eram mais ou menos 15 alunos da Puc e da Ufrgs, dos cursos de Psicologia, Pedagogia, Ciências Sociais, Economia, Contabilidade, Jornalismo, que faziam estágios comigo. Organizávamos grupos interdisciplinares para auxiliar os professores da faculdade de Economia e todos os da Ufrgs que se interessassem. Hoje em dia isso é muito recomendado, mas na época era algo totalmente inovador. Muita gente remonta a pesquisa em áreas humanas no Rio Grande do Sul à experiência deste grupo interdisciplinar da Ufrgs...

E qual era o sistema de trabalho destes grupos?

Nós fazíamos estudos que eram distribuídos para as pessoas, com leituras de textos, livros, revistas, que revertessem para a sua formação como alunos e também para os professores de graduação. Eram estudo psico-pedagógicos sobre temas diversos, que sempre resultavam numa publicação... Lembro de um tempo durante o qual estudamos psicodrama, que gerou o livro Espontaneidade nos Grupos de Trabalho. E, como era a época da tecnologia, fizemos um treinamento para a instrução programada, que acabou no livro Aula como Processo. O mais interessante é que todos estes alunos que estagiavam comigo queriam ser professores e, hoje, a maioria são pessoas conceituadas no meio acadêmico. Esta é uma das coisas que me dá muita satisfação: ver que o tempo não passa em vão, ver como o esforço de um momento pode ter efeitos a longo prazo.

E como foi a sua passagem pela pós-graduação na faculdade de Educação?

Depois deste trabalho com os grupos interdisciplinares eu fui para os Estados Unidos fazer um estágio sobre Educação e Psicologia, e acabei fazendo cursos em vários estados norte-americanos. Sou psicóloga, mas sempre tive uma ligação muito forte com a Educação. Quando voltei a Porto Alegre, fui dar aulas de Psicologia na faculdade de Filosofia e, com a reforma do ensino, em 1970, fui transferida para a faculdade de Educação. Lá, como única doutora, participei da comissão que implantou a pós-graduação, o primeiro mestrado da área humana da Ufrgs. Em 1972, assumi a pós-graduação em Educação e fiquei coordenando os cursos de mestrado e doutorado até 1981. Depois, assumi a direção da faculdade, onde fiquei até 1984...

Depois disto a senhora foi para a Puc?

Em 1985 me aposentei na Ufrgs e fui contratada pela Puc para reativar a pós-graduação em Psicologia. Fui coordenadora desta área de 1987 a 1999 e resolvi apostar, novamente, naquela experiência dos grupos interdisciplinares. A diferença é que na Puc cada professor tem seu grupo de pesquisa, que envolve alunos de graduação, mestrado e doutorado, e todos têm bolsas... Naquela época, todo mundo era voluntário... Mas, depois que reativei a pós-graduação em Psicologia Social e Personalidade, implantei a de Clínica e conseguimos nota A na avaliação da Capes, achei que deveria dar minha missão por cumprida. Hoje tenho o meu grupo de pesquisa e deixo o espaço para os mais jovens que querem seguir carreira. Acho que administrar é criar novas realidades e, quando já se esgotaram, é hora de parar, de abrir caminho para outras idéias.

Mas a senhora continua produzindo bem...

Sempre tento diminuir o ritmo, mas não consigo. Costumo escrever dois artigos por ano, normalmente em parceria com um psicólogo norte-americano, Roger Van Horn, com quem publico em revista internacionais. E, desde que fecharam a Editora Globo, não escrevi mais livros. Minha área hoje é a Psicologia Social, mas sempre me dedico às amostras de educação, que têm algumas coisas que me deixam muito contente. Uma delas é a autonomia das escolas, propostas pela Lei de Diretrizes e Bases. Sempre batalhei muito para que isso acontecesse...

E qual a sua opinião sobre a pesquisa em Psicologia atualmente?

A pós-graduação e, conseqüentemente, a pesquisa, cresceram bastante, mas ainda há muita dispersão. As pessoas pesquisam sobre muitos fenômenos, mas não criam uma massa de conhecimento numa determinada área. Nossa capacidade de competir com a produção norte-americana é baixa, não temos dinheiro, recursos humanos, laboratórios... Mas melhoramos muito, só temos que trabalhar muito mais...

A importância dos grupos

"As modernas teorias de aprendizagem apontam três vertentes fundamentais que estão na base das mudanças necessárias que levam ao crescimento pessoal e profissional:
a) o domínio da informação e das tecnologias sobre as teorias existentes, conhecimento teórico que propicia mudanças conceituais;
b) o conhecimento prático que decorre do enfrentamento com a realidade e possibilita a experiência de cada um, em larga medida, como conseqüência de sua leitura do mundo em seus múltiplos significados;
c) a problematização do "saber já sabido", tanto na teoria, como nas práticas já consagradas pela experiência, acolhendo uma atitude de abertura à desconstrução, à diversidade, uma aceitação do diferente e um impulso genuíno para a criatividade.
Isso é o que se busca cultivar no Grupo de Pesquisa, engajando-nos continuamente na discussão, na polêmica, mas também no rigor metodológico, na reflexão e no profundo respeito às idéias, às crenças e aos valores de cada um que, em sua diversidade, enriquecem o grupo como um todo. Isto supõe um grande esforço de estudo e pensamento, mas, ao mesmo tempo, se inscreve no prazer inaudito do amor ao conhecimento, à experiência autenticamente vivida e à aprendizagem que nos transforma como uma flecha de tempo direcionada aos objetivos mais altos de nossa existência."

A importância da pesquisa

"A pesquisa é fundamental para a formação de recursos humanos de alto nível, já que faz o fomento da capacitação das pessoas do ponto de vista da formação e capacitação profissional. E também para a produção do conhecimento, seja revisando, formatando, organizando em outros aspectos, mais acessíveis para a sociedade. A paixão pelo novo é uma das características do pesquisador. Quando estou escrevendo e uma das sentenças não acrescenta nada de novo ao que eu já disse, ela deve ser eliminada. Aos poucos, se vai adquirindo uma consciência de como se faz esta abordagem, do respeito, da tentativa, do esforço pelo novo. E o novo não é novo, mas si uma reorganização do que já se sabe ou se observa na realidade. Com isto vem esta paixão pelo conhecimento, pela experiência e pela aprendizagem."



subjetivid@de.hi-tech
subjetivid@de.hi-tech

Dia do Psicólogo foi festejado com debate na Usina do Gasômetro

Como no ano passado, uma chuva torrencial caía sobre a cidade, mas os psicólogos não se acanharam. O auditório da Usina do Gasômetro recebeu um bom público no dia 25 de agosto, data escolhida pelo CRP-07 para comemorar o Dia do Psicólogo. Depois de uma saudação "virtual" da presidente do Conselho Federal de Psicologia, Ana Bock, e dos cumprimentos da presidente do CRP, Andréa Lompa, o público pode acompanhar o seminário Subjetivid@de.Hi-Tec. A primeira parte do debate foi em forma de mesa-redonda, sobre o tema Sociedade de Informação e Subjetividade, da qual participaram a socióloga Julieta Desaulniers, a escritora Lya Luft e a psicóloga Cleci Maraschin. O trio fez colocações interessantes a respeito do assunto, ressaltando as novas possibilidades que se abrem com o universo virtual e os dilemas que o ser humano pode enfrentar a partir do momento em que se divide entre o artificial e o natural.

O psicanalista Alfredo Jerusalinsky se encarregou da conferência – O Outro Digital –, a qual começou situando, como Umberto Eco, que frente às novas tecnologias delineiam-se duas posições: a dos otimistas e dos apocalípticos. Jerusalinsky desdobrou o argumento da qualidade apocalíptica e não-natural do sujeito humano, destacando que teremos que nos enfrentar com a delimitação da diferença entre o andróide e o humano. No final, colocou por terra qualquer possibilidade frutífera de psicanálise via Internet, alegando que o conceito de transferência em que se baseia requer a presença dos sujeitos envolvidos para que a análise se efetive. Entretanto, não descarta possibilidades de que outras formas de terapia possam se beneficiar desta tecnologia. A festa pelo Dia do Psicólogo acabou com música. Animados e muito afinados, os integrantes do grupo Voz Polis cantaram músicas de Tom Jobim.

Intercâmbio

Encontro Sul-Brasileiro superou as expectativas

A união de forças dos três CRPs do sul resultou num grande sucesso e superou todas as expectativas dos organizadores. O 1º Encontro Sul-Brasileiro de Psicologia foi aprovado por todos os participantes, que querem mais daqui a três anos. Cerca de 500 psicólogos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul marcaram presença no encontro, realizado entre os dias 24 e 27 de agosto em Curitiba. Eles se dividiram entre as mais de 50 mesas-redondas que debateram temas variados e de interesse geral, acompanharam apresentações de trabalhos e participaram de workshops. Além disso, o congresso serviu para muitos encontros, reencontros e uma verdadeiro intercâmbio de projetos e idéias. O Rio Grande do Sul foi bem representado, com destaque para as caravanas da Ulbra de Torres, da Universidade Federal de Santa Maria e da Universidade Franciscana, também de Santa Maria.

CURTAS

A Comissão Especial do Trânsito

agendou mais uma rodada de debates sobre a avaliação psicológica realizada nos CFCs. A reunião está marcada para o dia 16 de setembro, a partir das 9h, na sede do CRP-07. A psicóloga Cristina Armani Madeira, da Junta do Cetran, solicita que sejam enviadas informações sobre o candidato quando encaminhado (nome, endereço, telefone) e também as técnicas psicológicas realizadas junto com os resultados e parecer. O Cetran fica na Voluntários da Pátria, 1358, Centro de Porto Alegre. Fone: 286.5828.

CRP-07 faz assembléia orçamentária

O CRP-07 está convocando todos os psicólogos a participarem da Assembléia Orçamentária que será realizada no dia 25 de setembro, a partir das 19h (com segunda chamada às 19h30min), na sede do Conselho, em Porto Alegre. Mas atenção: só tem direito a voto o psicólogo que estiver em dia com suas obrigações financeiras referentes ao Conselho de Psicologia.



CRP 7 Conselho Regional de Psicologia

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 7ª REGIÃO

EDITAL Nº 002/00

A Presidente do CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 7ª REGIÃO, no uso de suas atribuições, convoca os psicólogos regularmente inscritos neste CRP-07, em pleno gozo de seus direitos para:

Assembléia Geral Ordinária a ser realizada em 25 de setembro de 2000, às 19:00 horas, em primeira convocação, com a maioria absoluta dos inscritos, e às 19:30 horas, em segunda convocação, com qualquer número.

ORDEM DO DIA:

Proposta ao CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA da tabela de anuidades, taxas, multas e emolumentos para o exercício de 2001.

LOCAL: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 7ª REGIÃO

ENDEREÇO: Av. Osvaldo Aranha, 1423 sala 204 - Porto Alegre/RS

Porto Alegre, 09 de agosto de 2000.

ANDRÉA GIESEN LOMPA - CRP-07/06302
Conselheira Presidente

www.crp07.org.br

Homepage do CRP já está disponível

O tema escolhido para o Dia do Psicólogo – Subjetividade e Tecnologia – foi propício para o lançamento da homepage do CRP-07. Quem participou do seminário pôde conhecer, em primeira mão, o novo endereço do Conselho, que vai facilitar a vida dos psicólogos e dos internautas. Através da homepage, os psicólogos terão acesso ao trabalho das comissões, notícias e novidades referentes à profissão, poderão fazer seu cadastramento, comunicar sobre alterações de endereço ou outros ítens pessoais e, claro, vão dispor de um novo canal para se comunicar com o CRP-07. Anote o novo endereço e confira como a página ficou prática e bonita: www.crp07.org.br

O I Encontro de Psicologia do Trânsito

começa a ser organizado na reunião do dia 23 de setembro. A intenção da comissão é realizar o debate ainda este ano.

A Comissão de Formação do CRP-07

continua aguardando a sistematização que o Grupo de Trabalho das Especialidades se encarregou de produzir para fazer uma nova rodada de debates sobre o assunto.

A Comissão de Direitos Humanos do CRP-07

estará representada no Encontro Nacional das Comissões de Direitos Humanos, que será realizado nos dias 15 e 16 de setembro em Brasília.

Mostra de Práticas será em outubro

Faltam poucos dias para um encontro que promete dar o que falar. A **Mostra de Práticas em Psicologia** será realizada começo de outubro (5, 6 e 7) no Parque do Anehmbi, em São Paulo, e tem tudo para ser um sucesso. A proposta de apresentação de experiências profissionais diversificadas mobilizou os psicólogos do País inteiro, que inscreveram centenas de trabalhos. Inscrições encerradas, só resta conhecer as contribuições de cada um e ver quem será o mais criativo. Afinal, vale tudo: os trabalhos poderão ser apresentados em vídeo, cinema, poster, fotografia, relato oral, performances musicais, teatrais ou qualquer outra modalidade. O importante é que os psicólogos mostrem o diferencial de suas práticas e tragam ao grande grupo experiências bem sucedidas no trabalho em órgãos públicos, ONGs, empresas privadas, comunidades carentes, escolas, estágios etc. Além de garantir uma mostra totalmente original, o objetivo do encontro é possibilitar uma troca de experiências intensa e proveitosa sobre o tema desta primeira edição: a Psicologia e Compromisso Social. Num ambiente em que o tédio e a formalidade vão ficar longe, serão oferecidos, além da mostra de trabalhos, atividades como atrações culturais, mesas-redondas, festas de confraternização e homenagens a pessoas que estão na luta pelos excluídos (como Chico Buarque, Raimundo Faoro, Sebastião Salgado, Frei Betto, Luis Fernando Verissimo e Paulo Delgado). Outro momento que promete animar os três dias da Mostra de Práticas é o Concurso Palavras & Imagens, com prêmios para os melhores nos quesitos fotografia, artes plásticas e poesia. Para ninguém ficar de fora desta grande festa dos psicólogos brasileiros, a organização providenciou alojamentos e hotéis com preços bem em conta... Maiores informações sobre a Mostra podem ser obtidas no CRP-07 ou pelo telefone (0800) 121106. Ou, ainda, no site do Conselho Federal: www.psicologia-online.org.br/mostra.html

agenda

crp07@portoweb.com.br

Fale conosco

Debates na Seção Sul

A Seção Sul do CRP-07 (com sede em Pelotas) tem novos debates programados para os próximos meses. No dia 14 de setembro o assunto em pauta é Sexo e Amor inquietam a Escola, com a psicóloga Marlise Real. Já no dia 21 de setembro o doutor Benno Becker Jr. fala sobre a Psicologia do Esporte – um Novo Mercado de Trabalho para o Psicólogo. Em outubro tem mais: no dia 19 o tema do fórum é A Meditação e o Relaxamento como Ténica Terapêutica, com a psicóloga Ana Beber. Todos os debates começam às 19h, com entrada franca.



Psicanálise e Cultura

Acaba de ser lançada a 18ª edição da Revista da APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), que tem como tema de capa De Um ao Outro Século: A Psicanálise. A proposta é analisar os efeitos da Psicanálise sobre a cultura desde os tempos de Freud até os dia atuais, bem como sua interlocução com outros campos de conhecimento. A revista traz 13 artigos, assinados por autores como Edson Souza, Mário Corso, Eduardo Mendes Ribeiro, Jeanne Marie Gagnebin e Maria Cristina Filippi. Maiores informações pelo telefone (51) 333.2140.

Congresso de Psicanálise da APPOA
Tema: Brasil – Descoberta e Invenção
Colóquio: Questões sobre o Outro
De 26 a 29 de outubro (congresso) e dias 30 e 31 de outubro (colóquio) na Reitoria da UFRGS, em Porto Alegre
Informações (51) 333.2140

IV Congresso Brasileiro de Arteterapia/II Fórum Goiano de Arte, Educação e Saúde
Tema: A Arte como Interface na Educação e Saúde Humana
De 07 a 10 de setembro em Goiânia (GO)
Informações (62) 281.1344 ou 245.1808

XX Jornada Sul-Rio-Grandense de Psiquiatria Dinâmica
Tema: A Psicoterapia na Era das Neurociências
De 19 a 21 de outubro em Canela (RS)
Informações (51) 212.0065 ou 330.5655

XII Jornada Anual do IEPP
Tema: Corpo, Gênero e Identidade
Dias 06 e 07 de outubro no Hotel Embaixador de Porto Alegre
Informações (51) 333.4801

III Jornada do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica
Tema: A Relação Terapêutica na Atualidade
Dias 06 e 07 de outubro na Unisinos, em São Leopoldo
Informações (51) 591.1122 ou www.unisinos.br/educacao/extensao

1º Encontro Nacional da ABEP
Tema: Psicologia e Realidade Brasileira – Trans*formação.*
De 15 a 17 de setembro em Minas Gerais.
Informações no CRP-07

Curso de Formação em Psicologia Organizacional
Início em março de 2001, com duração de 15 meses
Inscrições abertas no Instituto de Desenvolvimento Global de Porto Alegre
Informações (51) 346.6550 ou www.idglobal.com.br

I Conferência Internacional de Terapia Cognitiva da ABPC
De 13 a 16 de setembro em São Paulo (SP)
Informações (19) 3295.7757 ou www.sigmabbs.com.br/abpc

Conceitos Fundamentais da Teoria e da Técnica Psicanalítica
Palestras semanais, sempre às quartas-feiras
Inscrições abertas no Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre
Informações (51) 395.4755 ou 346.3436

A Pesquisa Psicanalítica - Curso de Extensão
De 22 de setembro a 07 de outubro no Instituto de Psicologia da UFRGS
Informações (51) 316.5254 ou mdagord@psico.ufrgs.br

IX Jornada Anual do ESIPP
Tema: O Vínculo do Amor
De 04 a 06 de outubro no Senac, em Porto Alegre
Informações (51) 332.6436

VIII Encontro Regional Sul da Associação Brasileira de Psicologia Social
Tema: Psicologia Social – Estratégias, Políticas e Implicações
De 28 a 30 de setembro em Santa Maria (RS)
Informações (55) 222.7733

Reunião Clínica – Discussão de Caso Clínico
Encontro aberto a profissionais e estudantes
Dia 31 de outubro, às 20h30min, no ESIPP em Porto Alegre
Informações (51) 332.6436

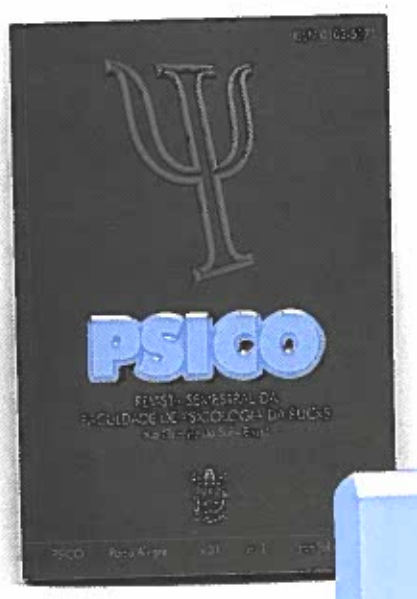
Coordenação de grupos: Experiência Teórico-Vivencial
Curso com início em 19 de setembro, no Instituto Pichon-Rivière de Porto Alegre
Informações (51) 331.7467

Sexualidade: Atitudes, Comportamentos e Drogas Pós-Sexuais (curso)
De 10 a 11 de novembro na Clínica Univitta, em Porto Alegre
Informações (51) 334.9895 ou 338.6656

III Seminário de Psicologia Jurídica
Tema: Perícia psicológica
Dias 09 e 10 de novembro na ULBRA, em Canoas
Informações (51) 477.9166

VII Congresso Internacional de Gestalt
Tema: A Gestalt de todo o mundo – perspectivas
De 26 a 29 de outubro no Rio de Janeiro (RJ)
Informações (21) 509.4080 ou www.gestalt.com.br

Mestrado em Administração
Área: Organizações e Competitividade
Inscrições abertas até 30 de setembro na UNISINOS, em São Leopoldo
Informações (51) 590.8157 ou www.unisinos.com.br



Pesquisa e conhecimento em revista

Psico – Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-RS
Porto Alegre, 2000
Edipucrs
R$ 11,00

Vera Elisabeth Verissimo
Psicóloga, presidente da Comissão de Comunicação do CRP-07

Há muitos assombros, mas nada tão assombroso quanto o homem"
(Canto coral de Antígona, Sófocles)

Mudam os tempos, mudam os nossos apetites externos, cidades, sistemas, mas não se extingüe essa diversidade, esse eterno devir que Sófocles declamava, com tanta emoção. Nesse assombro, lembrando também Aristóteles, o homem pensa sobre sua razão de viver, que ele diz deve ser uma descoberta própria, mas acrescenta que o bem do homem não é dele apenas, é de todos, e, então, descobrimos a ética. Um bem comum e, dentro do bem, o saber.

Na antigüidade, desejar saber o que não se sabia poderia acabar em condenações como louco, visionário, pretendente a substituto dos deuses. E eles continuaram nesta luta, andarilhos no mundo do conhecimento, das leis da natureza. O século XIX abre o homem ao pensamento organizado, mais sistematizado; o XX, à técnica. Saber e viver se conflituam no "mundo mundo, vasto mundo, mais vasto é o meu coração". Para que, por que, como é, como alongar essa nossa passagem por este planeta e nossa finitude coabitam conosco, mesmo nos que têm inúmeras formas de responder. Até porque o homem sempre será aquele menino de três anos que a curiosidade impele e felizmente, digamos, pelo menos em nosso ocidental modo de ver, a buscar as facetas da inquietude.

De quanto se molda então essa ânsia por pesquisa, análise e síntese, o particular como interesse, o parêntese na ciência, ou quiçá, o altruísmo. Outra lógica, outra estética, mas também outra ética.

Dentro desses pensamentos lemos e registramos o novo número da Revista *Psico*, do curso de Psicologia da PUC-RS, que trazemos a vocês com duplo regozijo: por sua qualidade e no momento em que traz a público sua indexação da PsycInfo (Psychological Abstracts), após 29 anos de publicações, sendo que agora faz parte das apenas três revistas indexadas, brasileiras, em Psicologia, que constam do Banco de Dados Internacionais. Parabéns a PUC-RS, através da pessoa de sua diretora, Dra. Néli K. Freitas.

Além de produção diversificada em várias áreas, a revista conta com trabalhos de pesquisa, contribuindo para sua divulgação. E isto numa época em que ainda se discute como e o que pesquisar em Psicologia. Parece-nos adequado o trabalho de Mary J. Spink, quando coloca a ética da responsabilidade pautada na competência ética, tanto prescritiva como dialógica, ou seja, a que dá atenção à moral contratual que preserva os direitos da pessoa, a fim de evitar a coisificação do saber tecnológico ou o distanciamento em seu processo. E a dá sentido ao mundo, na interação dialógica de pesquisador e seus sujeitos.

Os vários momentos reflexivos da revista são instigantes, passando por idéias das mudanças tecnológicas na organização do trabalho e seus aspectos subjetivos, que Sonia Fernandes traz; o atual tema da resiliência familiar, de interesse individual e social, ao mencionar aqui os maus tratos familiares analisados por Clarissa de Antoni e Silvia Koller. Não nos cabe descrever cada trabalho, por exigüidade de espaço, mas nos ocorre que podemos contar com sabores para vários gostos: os condimentos de Maria B. Ramos e Maria L. T. Nunes sobre Lacan e suspostas imposturas intelectuais, em que a contribuição sobre narcisismo deve ser mencionada, já que poderia ser tema mais estudado pela sua importância na gênese do comportamento individual e social.

Uma padronização ou estudo sobre Testes é sempre bem-vinda, como ocorre no texto de Guenia Bunchaft e Vanda Vasconcelos. Também o de Magda Dimenstein pela sua renovada atualidade, quando já se fazem ouvir novos conceitos sobre histeria, reaparecendo em nosso cenário científico, tão bem proposto recentemente por Christopher Bollas. A face pública do fenômeno requer a atenção dada.

A publicação do Sumário que nos acompanha demonstra por si nosso interesse. Despertando o interesse pela pesquisa, feito por um grupo, usa de metodologia que enriquece a experiência nesse setor. Os trabalhos seguintes nos trazem as valiosas informações sobre Serviços Assistenciais e temas que suscitam várias questões que são a infertilidade e adoção, sendo essa abordada do ponto de vista tardio, um aspecto muito rico para a clínica.

Como se faz tarde e vocês precisam de tempo para começar a procurar a revista, nos despedimos. Até o próximo ENTRELINHAS!

Os artigos da Revista Psico

A ética na pesquisa social: da perspectiva prescritiva à interanimação dialógica, de Mary Jane Spink

Mudanças tecnológicas e o trabalho na contemporaneidade: aspectos subjetivos, de Sonia Regina Pereira Fernandes

Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com aolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares, de Clarissa de Antoni e Sílvia Helena Koller

Jacques Lacan e as supostas imposturas intelecuais, de Maria Beatriz Jacques Ramos e Maria Lucia Tiellet Nune

Padronização do teste desiderativo no contexto da análise transacional, de Guenia Bunchaft e Vanda Leite Pinto de Vasconcelos

As faces públicas e privada da histeria: reflexões sobre a construção histórica de uma categoria clínica, de Magda Dimenstein

Despertando o interesse pela pesquisa científica em psicologia, de Fernanda Bastian, Juliana Amoretti, Kátia Rocha, Carolina Lisboa, Vera Kude e Adriana Wagner

Avaliação do Serviço de Assistência Especializada (SAE) a portadores do vírus HIV/AIDS da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, de Adriane Roso, Nêmora Barcellos, Ricardo Kuchenbecker e Sandra Nora Bueno

Infertilidade e atendimentos psicológicos: intervenções possíveis, de Maristela Piva Guazelli e Cícero Emídio Vaz

As possibilidades da adoção tardia, de Surama Gusmão Ebrahim

... trazem questões como infertilidade e adoção

Os vários momentos reflexivos da revista ...